



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Sexta-feira > 20/10 > 14:00-15:30
Sala 1012

Christine Arndt de Santana > Universidade Federal de Sergipe - UFS

Dos Diálogos sobre o Filho Natural ao Elogio a Richardson: poéticas a serviço da ética

No século XVIII francês, o ser humano esclarecido é aquele instruído nas ciências e dotado de valores morais que o orientem em suas ações; ou seja, espera-se que neste ser esclarecido sejam unificadas as qualidades do sábio (esclarecido) e do bom (virtuoso). Diderot, ao pensar sobre o Esclarecimento e em como alcançá-lo, entende que as artes possuem um poder pedagógico eficaz pois possibilita consolidar uma educação estética capaz de unificar as duas qualidades descritas. Nesse sentido, a literatura, o drama, as artes visuais são instrumentos eficazes na formação do ideal humano. O Philosophe, ao propor, através de suas poéticas, tornar as artes mais próximas da “verdade da natureza”, ou seja, ao encampar mudanças que as tornam mais realistas, mais próxima dos leitores/espectadores, tem como finalidade fazer com que as artes possibilitem o alcance do ideal humano descrito, através de uma educação estética. Nesse sentido, as reformas diderotianas propostas nas duas poéticas aqui analisadas têm como fim colocar em prática o seu projeto de Esclarecimento, aproximando ética e poética, com a finalidade tornar o gênero humano esclarecido.

Palavras-chave: Diderot. Educação. Ética. Poética.

Vladimir de Oliva Mota > Universidade Federal de Sergipe

Estética e Filosofia da História em Voltaire: o problema do Gosto

O problema do gosto ganhou destaque na discussão sobre a arte no final do século XVII e no século XVIII, período determinante para a Teoria da Arte, pois marca exatamente a passagem da crítica do gosto à Estética (enquanto disciplina específica). É sobre esse período que o presente trabalho se debruça, buscando a reflexão essencial a respeito da arte em seu momento crucial. O que aqui se pretende é investigar o pensamento de Voltaire, mais exatamente, a ideia de Gosto na obra voltairiana. Não se trata de discutir os gostos de Voltaire, isto é, suas escolhas estéticas ou suas preferências artísticas, esses aspectos foram apresentados exaustivamente por Raymond Naves em *Le goût de Voltaire*; trata-se de apresentar a noção de Gosto de Voltaire, considerando seu discurso combativo de filósofo-historiador da marcha do espírito humano. Na perspectiva de uma Filosofia da História, orientada à ideia de civilização, a noção de Gosto é aí inserida, o que lhe assinala finalidade, antes de tudo, social. Para tanto, faz-se necessário compreender em que se fundam seus argumentos sobre o Gosto, precisamente: identificar, num primeiro momento, que o sensualismo herdado norteará em parte suas reflexões acerca do Gosto, contribuindo à definição deste e impedindo o filósofo de construir um sistema do Belo em razão do relativismo associado ao Gosto, consequência do sensualismo; em seguida, compreender que, não obstante esse relativismo, há uma defesa do “bom Gosto” sob a pena voltairiana, resultante de uma outra herança, dessa vez, de uma tradição que toma Boileau como referência. Por fim, articular, eliminando a aparente contradição, o relativismo do Gosto com a defesa da ideia de “bom Gosto”, destacando esta ideia como um indício civilizatório para Voltaire, o que legitima aquele combate, através de suas obras, pelo “bom Gosto” e, assim, unindo Estética e Filosofia da História.

Pedro Fernandes Galé > USP

A matriz estética da história da arte

No século XVIII, duas disciplinas se viram nascer: a disciplina filosófica da estética e a história da arte. Atendendo às demandas endogênicas de cada uma delas, tais disciplinas se entrecruzam de modo muito

incisivo já em seus primeiros passos. Retomando autores centrais deste momento, como Baumgarten, Diderot e Winckelmann, pretendemos apresentar a dependência mútua que tais disciplinas nutriam em seu nascedouro. Neste momento, onde as fronteiras entre tais disciplinas eram movediças a arte passa a ocupar um lugar de destaque da reflexão filosófica e um posto destacado entre as artes liberais. Aquilo que as doutrinas apresentavam como os modos de um ofício, no caso das artes plásticas, e que as poéticas apresentavam como preceptiva para a arte da poesia, deu lugar à estética, um discurso de matiz filosófica que unificava todas as artes numa mesma sorte de discurso. Em paralelo, as vidas, tão celebradas como inaugurais em termos de história das artes, darão lugar a uma história da arte que se pretende dotada de autonomia, no sentido de apresentar os movimentos internos das figurações de modo independente, ou ainda, não determinado, por seus artífices. Neste momento fundador as demandas retóricas passam a ser paulatinamente afastadas da reflexão artística e do pensamento acerca de sua história, causando uma dependência mútua entre essas duas disciplinas germinais. O trabalho pretende apresentar essa mútua determinação da estética e da história da arte em seu momento inicial, intentando destacar o caráter renovador em relação aos discursos e reflexões acerca das artes de ambas.